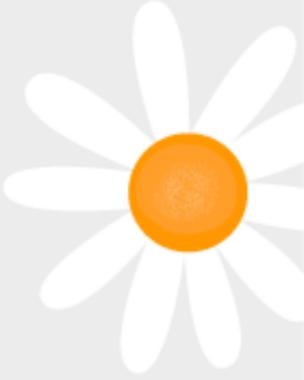


CICLO 2: AUTOGESTÃO, GERAÇÃO DE RENDA E ECONOMIA







CICLO 2: AUTOGESTÃO, GERAÇÃO DE RENDA E ECONOMIA PARA AS MULHERES

**Curso Livre de Aperfeiçoamento em Promoção e Vigilância
em Saúde, Ambiente e Trabalho: com ênfase na saúde
integral das mulheres**



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz**

Brasília

Brasília, 2021

ESCUTE O CADERNO

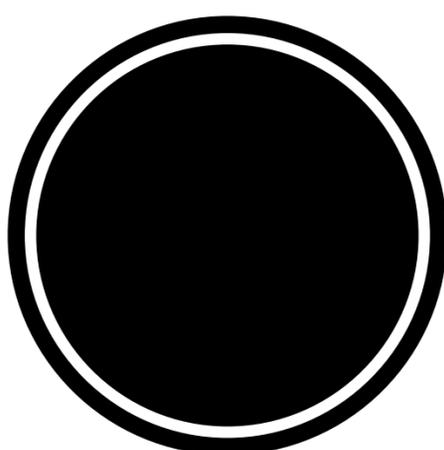
Os cadernos do Curso de Formação-Ação em Saúde Integral para as Mulheres estão disponíveis para você escutar: são os audiolivros!

Os audiolivros são gravações narradas do conteúdo de um livro, seja texto e imagens. Se preferir escutar, ao invés de ler, você ainda fica por dentro!

Para acessar, vá até:

**[mulheres.psatsaude.com.br/
audiolivrociclo2/](http://mulheres.psatsaude.com.br/audiolivrociclo2/)**

Ou clique:



PROJETO DE FORMAÇÃO-AÇÃO EM PROMOÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO COM ÊNFASE NA SAÚDE INTEGRAL DAS MULHERES

Fundação Oswaldo Cruz

Nísia Verônica Trindade Lima - Presidente

Gerencia Regional de Brasília (Gereb)

Maria Fabiana Damásio Passos - Diretora da GEREB

Denise Oliveira e Silva - Vice-Diretora da GEREB

Luciana Sepúlveda Köptcke - Diretora Executiva da Escola de Governo Fiocruz Brasília (EGF)

Jorge Mesquita Huet Machado - Coordenador do Programa da Saúde, Ambiente e Trabalho (PSAT)

Coordenação do Projeto:

André Luiz Dutra Fenner - Coordenador do Projeto e Pesquisador do PSAT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Promoção e vigilância em saúde, ambiente e trabalho com ênfase na saúde integral das mulheres na constituição de Territórios Saudáveis e Sustentáveis (TSS) : ciclo 2 : autogestão, geração de renda e economia para as mulheres / Gislei Siqueira Knierim...[et al.] ; organização Virgínia da Silva Corrêa...[et al.] ; coordenação André Luiz Dutra Fenner ; ilustração Gabriel Cunha Maia Silva. -- Brasília, DF : Escola de Governo Fiocruz Brasília, 2021.

Outros autores: André Luiz Dutra Fenner, Bianca Coelho Moura, Fátima Cristina Cunha Maia Silva.

Outras organizadoras: Ana Paula Andrade Milhomem, Juliana Bonassa Faria, Ana Paula Dias de Sá

ISBN 978-65-88309-07-0

1. Autogestão 2. Educação financeira 3. Mulheres - Aspectos sociais 4. Renda (Economia) I. Knierim, Gislei Siqueira. II. Fenner, André Luiz Dutra. III. Moura, Bianca Coelho. IV. Silva, Fátima Cristina Cunha Maia. V. Milhomem, Ana Paula Andrade. VI. Faria, Juliana Bonassa. VII. Sá, Ana Paula Dias de. VIII. Fenner, André Luiz Dutra IX. Silva, Gabriel Cunha Maia.

21-81682

CDD-332.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação financeira : Economia 332.6

Coordenação do Projeto

André Luiz Dutra Fenner
(Coordenador Geral)
Virgínia da Silva Corrêa
(Coordenadora Executiva)

Coordenação Pedagógica

Ana Paula Andrade Silva Milhomem
Ana Paula Dias de Sá
André Luiz Dutra Fenner
Bianca Coelho Moura
Camila Lima Gomes
Fátima Cristina Cunha Maia Silva
Virgínia da Silva Corrêa
Yasmin Silva da Cruz

Coordenadoras Locais

Elisvania Lopes Garcia Nascimento.
Nome Social: Elis (Alagoas)
Ana Paula Dias de Sá (Ceará)
Waleska Coelho Sajnovisch de
Gouveia (Distrito Federal)
Rosely Fabrícia de Melo Arantes
(Pernambuco)
Gislei Siqueira Knierim (Rio de
Janeiro)
Judite da Rocha (Tocantins)

Analistas de Gestão do Projeto

Ana Paula Andrade Silva Milhomem
Camila Lima Gomes

Texto e Organização

Ana Paula Andrade Silva Milhomem
Ana Paula Dias de Sá
André Luiz Dutra Fenner
Bianca Coelho Moura
Camila Lima Gomes
Fátima Cristina Cunha Maia Silva
Gema Galgani Silveira Leite
Esmeraldo
Gislei Siqueira Knierim
Ivandro Claudino de Sá
Juliana Bonassa Faria
Juliana Wotzasek Rulli Villardi
Lucicleide Maria da Silva
Kátia Maria Barreto Souto
Marialda Moura da Silva
Manuela Ferreira de Saboia Lima
Olga Maria de Alencar
Rosely Fabrícia de Melo Arantes
Suyane Fernandes
Virgínia da Silva Côrrea

Colaboradores

Éder dos Santos Braz
Francilene Menezes dos Santos
Juciany Medeiros Araújo
Thaiara Dornelles Lago
Thais Reis Baleeiro

Arte e Projeto Gráfico

Gabriel Cunha Maia Silva

Site

Ana Paula Dias de Sá
Henrique Guedes Formiga
Ivandro Claudino de Sá
Gabriel Cunha Maia Silva

Sistematização

Juliana Bonassa Faria

Revisores

Danielle Fermiano dos Santos
Gruneich
Fabiana Mascarenhas Santana
Manuela Ferreira de Saboia Lima
Maria Emília da Silva
Maria Fernanda Marques Fernandes
Ramiro Galas Pedrosa
Rosely Fabrícia de Melo Arantes

Parceria

Comissão dos Direitos da Mulher da
Câmara dos Deputados
Secretaria da Mulher da Câmara dos
Deputados



Olá, educanda.

Esperamos te encontrar firme e animada para juntas continuarmos esse processo de troca de saberes do Curso de Formação de Saúde para Mulheres.

Este caderno de estudos corresponde ao Ciclo 2, que abordará o tema Autogestão, Geração de Renda e Economia para as Mulheres. A intenção é que este material sirva para orientar o processo de estudo. Assim, teremos diversas linguagens, como texto, vídeo, dinâmicas, entre outras propostas pedagógicas.

Queremos que seja um material dinâmico e que sirva de guia, mas que não engesse a criatividade e as possibilidades que você certamente construirá em sua comunidade e território.



The background of the page is a repeating pattern of stylized trees. Each tree has a thick, dark brown trunk and branches that spread out. The foliage is represented by large, rounded, olive-green shapes. The entire pattern is set against a light beige or cream-colored background with a fine, sparkling texture.

Desejamos um ótimo estudo. Conte conosco porque contamos com você!

Coordenação Político-Pedagógica do Curso de Formação de Saúde para as Mulheres

SUMÁRIO

1. INICIANDO AS ATIVIDADES 09
2. ECONOMIA SOLIDÁRIA, O OLHAR A PARTIR DAS MULHERES 10
3. O TRABALHO DOMÉSTICO E OS CUIDADOS COMO TRABALHO PRODUTIVO 20
4. PRINCÍPIOS, VALORES E INICIATIVAS DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA 23
5. VAMOS CONVERSAR SOBRE 26
6. FAZENDO JUNTAS – OFICINA PRÁTICA COM AS BOLEIRAS DE CARUARU-PE 27
7. CONTANDO O PROCESSO COM NOSSAS PALAVRAS, NOSSOS DESENHOS, NOSSAS CANÇÕES, NOSSOS POEMAS 31
8. REFERÊNCIAS 33
9. GLOSSÁRIO 34





1. INICIANDO AS ATIVIDADES

Para que as mulheres se sintam bem, é importante que o espaço físico, a sala ou o local onde a atividade acontecerá esteja limpo e bonito. Se possível, um local aberto ou bem ventilado, com água e sabão ou álcool a 70% para a limpeza das mãos.

É importante garantir o distanciamento (1,5 m de distância) e utilizar as marcas do grupo, como cartazes, plantas e as bandeiras dos movimentos que fazem parte.

Acolher é uma forma de você dizer que cada uma delas é bem-vinda! Então, use e abuse da criatividade e da amorosidade.



2. ECONOMIA SOLIDÁRIA: O OLHAR A PARTIR DAS MULHERES

A reflexão sobre economia solidária, a partir do olhar e das práticas das mulheres e para as mulheres, estrutura-se sobre a história e como ela se apresenta no dia a dia. Ela se baseia na vida, nos estudos e nas formas de fazer tanto das universidades como dos movimentos sociais e políticos. Nosso olhar, neste caderno, será a partir da luta das mulheres por igualdade e justiça social.

Já sabemos que a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho provoca tensões nas relações familiares e sociais. Isso acontece porque a sociedade naturaliza que cabe somente às mulheres a responsabilidade do trabalho e dos cuidados da família, da casa, da educação, da saúde, entre outros (CARRASCO, 2003).



Em meados do século passado, a sociedade brasileira passa por rápido processo de industrialização e de urbanização, que obriga diferentes membros da família a buscar trabalho para garantir renda econômica para a sobrevivência de toda a família. Esse movimento, aliado à busca por escolarização, leva as mulheres aos postos de trabalho.

Mas, se as mulheres adentram o mundo do trabalho, boa parte dos homens não adentram o mundo dos cuidados familiares. Ou seja, continuam sem se somar e participar da partilha do trabalho doméstico e do trabalho que faz a reprodução e manutenção da vida humana, trabalho este que continua sob a responsabilidade das mulheres.

Os casos de violência doméstica são crescentes na sociedade, principalmente, pela histórica manutenção da divisão sexual e social do trabalho e da confortável posição dos homens diante dos privilégios garantidos pelo sistema patriarcal, que se infiltra em todas as classes sociais e nas instituições.



O olhar de reconhecimento da luta e contribuição das mulheres para a gestão e organização da sociedade é essencial.

Para transformar as relações humanas e ambientais, é fundamental reconhecer que o trabalho das mulheres com as tarefas domésticas e os cuidados com a família são necessários para a manutenção de um sistema econômico. Entretanto, apenas as mulheres os assumem.

A economia feminista propõe que o trabalho das mulheres, que não é remunerado, seja reconhecido como trabalho produtivo, porque gera riqueza, serviços e cuidados.

Por que tem sido das mulheres a responsabilidade pelos trabalhos domésticos e de cuidado com a família? Olhar para essa realidade é olhar a realidade do dia a dia das mulheres, seja rural ou urbana, onde estão marcados os papéis e as responsabilidades no decorrer da vida. É olhar para esse cotidiano estruturado pela divisão sexual do trabalho.

Como estrutura social, a divisão sexual do trabalho é a forma como o sistema capitalista organiza a vida da sociedade e estabelece que as mulheres ocupem e cuidem do espaço da casa e da família, ou seja, o espaço privado. Já o espaço público cabe ao homem, que é visto como aquele que mantém, protege e provém a família. Essa realidade perdura até hoje.



Compreendendo a estrutura social existente, a mulher reflete sobre o seu cotidiano em coletivo, constrói pensamento crítico e espaços de acolhimento, trocando experiências e cuidados. Coletivamente, ela produz novos conceitos e práticas que contribuem para a superação das desigualdades e crueldades impostas à sua vida e das outras mulheres.

O trabalho realizado pelas mulheres, muitas vezes, permanece desvalorizado, seja no campo, seja na área urbana. Na maioria das situações, a força de trabalho da mulher não é contabilizada, sendo diluída na remuneração do marido ou do pai.

No campo, a educação (doméstica) para as meninas está voltada principalmente para a realização das atividades domésticas, o cuidado com as crianças, a criação de pequenos animais, trabalhos que servem para a complementação alimentar e a renda familiar.

Já os meninos se responsabilizam pelos serviços fora da casa, como ir “juntar os bichos”, colocar água em casa, pegar lenha, ajudar o pai na roça. Na família rural, a jornada do trabalho doméstico e dos cuidados, realizada pelas mulheres, é intensa, mas não serve como dados para fontes estatísticas (BASSANESI, 1994).

Outra questão que merece destaque é que esse trabalho não acaba quando as mulheres envelhecem. Mesmo velhas, a responsabilidade do cuidado com as/os netas/os, doentes e idosas/os recai sobre essas mulheres, as quais, em sua maioria, deixam seus lares (quando não se tornam viúvas) para ajudarem filhas/os no cuidado com os parentes.

No espaço familiar, o trabalho doméstico, a educação dos filhos e filhas, o cuidado com a saúde e com as pessoas velhas ficam quase totalmente sob responsabilidade das mulheres, impedindo sua participação nos espaços públicos. E há uma forte pressão, da maioria dos homens, para que a mulher não participe das atividades dos grupos ou mesmo da associação comunitária.



Economia solidária e economia feminista: os caminhos percorridos

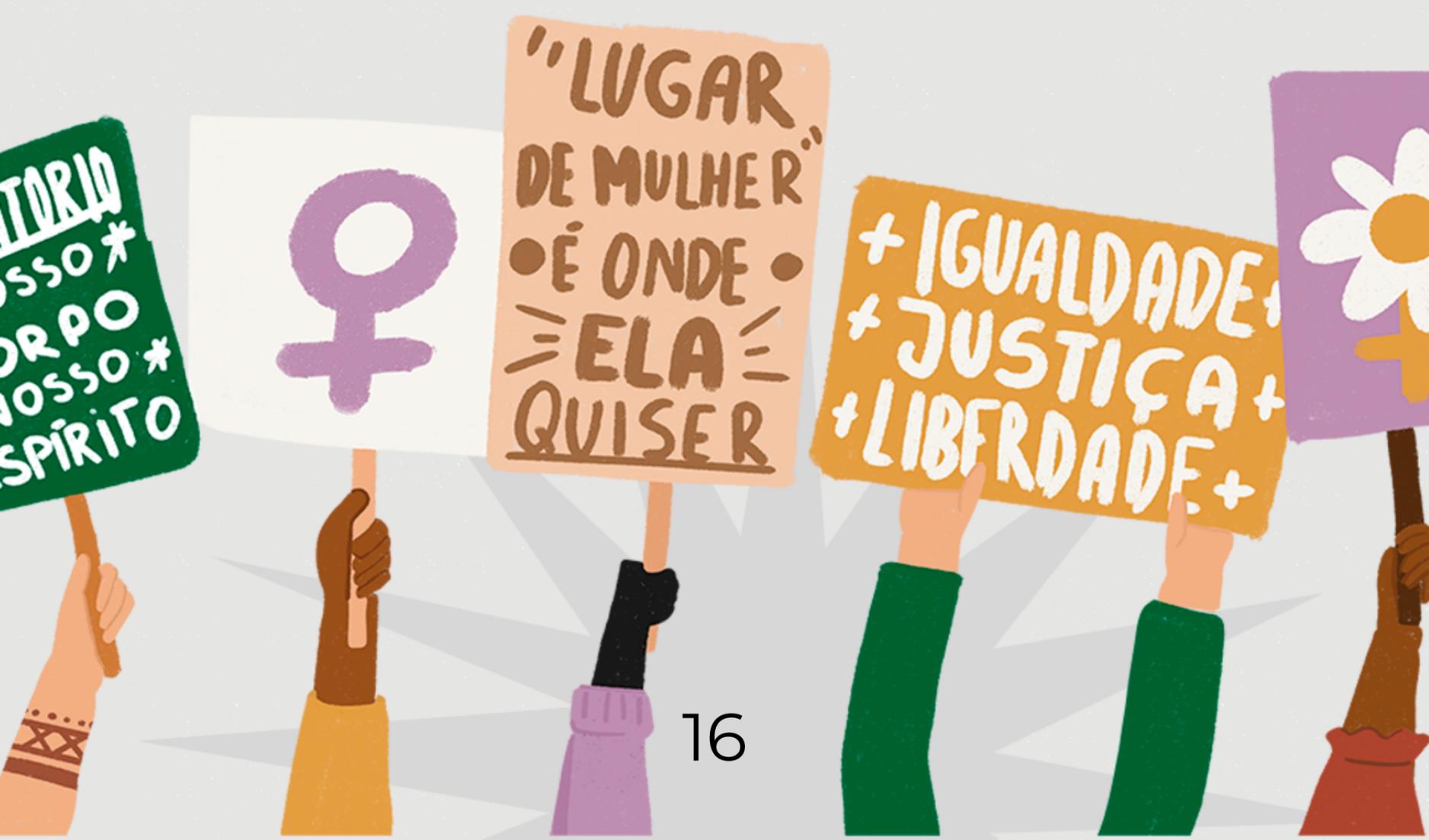
A economia solidária e a luta das mulheres por direitos e igualdade na sociedade ainda estão em construção. A economia solidária pode acontecer em um bairro, em uma comunidade rural ou em uma feira pública. O que a diferencia é a forma de organização baseada na solidariedade, que pressupõe um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver; é fundamentada em práticas de autogestão, em que a participação de todos e todas, de forma igualitária, é um pressuposto.

A economia feminista busca reconhecer o trabalho realizado pelas mulheres como trabalho produtivo e, portanto, reconhecido como economia. A economia solidária, assim como a economia feminista, busca criar e recriar as relações econômicas e sociais, na prática e na teoria, centradas na organização do trabalho coletivo, na autogestão, na cooperação e na solidariedade.

O sentido político que une esses dois movimentos é a luta anticapitalista e a busca pela autonomia econômica e social das pessoas. Ambas propõem um novo jeito de olhar e de viver a economia, baseada em novas práticas de gestão, numa nova cultura do trabalho de produção e consumo (NOBRE; FARIA, 2003).

Para isso, é necessário identificar quais atividades as mulheres realizam no seu cotidiano e o tempo que levam para serem concluídas ao longo do dia; identificar o trabalho assumido por todos os membros da família; incentivar um diálogo a partir do observado; possibilitar às mulheres um olhar crítico sobre a sua realidade; e questionar o lugar que historicamente foi naturalizado como seu, mas não é.

Por tudo isso, a participação das mulheres em atividades de formação, mobilização e gestão dos espaços coletivos e da tomada de decisão nas comunidades pode ficar em segundo plano, fragilizando, com isso, a auto-organização das mulheres nas comunidades e territórios.



Auto-organização das mulheres

A auto-organização das mulheres, a partir de grupos nas comunidades rurais, bairros e locais de trabalho, pode ser uma alternativa de cuidado às mulheres sob diversos aspectos: econômico, social, cultural, educacional e de saúde.

Um importante exemplo da auto-organização das mulheres é o enfrentamento à violência doméstica e sexual. Os grupos de mulheres são um lugar de reconhecimento, acolhimento e troca de experiências. São também um espaço de solidariedade entre elas, de construção de lutas e resistência, de socialização e de busca pela autonomia.

O processo de reflexão na auto-organização das mulheres produz uma série de possibilidades para as mudanças do seu dia a dia:

Fortalecer acordos familiares de divisão de tarefas, que podem reequilibrar as relações intrafamiliares, possibilitando às mulheres um tempo para si e para atuar em diversos espaços, entre eles o público. Sem que isso se some como mais uma tarefa, mas que seja fruto da melhor divisão dos compromissos com a casa e a família.





O caminho para a valorização do trabalho das mulheres coloca a necessidade do reconhecimento de sua cidadania, que é comprovada pela documentação, muitas vezes negada. Principalmente a documentação, como: Registro Geral (RG), Cadastro de Pessoa Física (CPF), Carteira de Trabalho (CTPS), que reconhecem sua existência e como trabalhadora formal, sendo inclusive instrumentos para o acesso a direitos previdenciários.

Ações articuladas em redes têm contribuído para promover e dar visibilidade a esse debate. Destacamos a campanha “Pela divisão justa do trabalho doméstico” e as “Cadernetas Agroecológicas”.

A primeira ação foi articulada pela Rede Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) Feminismo e Agroecologia do Nordeste e Grupo de Trabalho Nacional de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

A segunda ação foi uma iniciativa do Centro de Tecnologias da Zona da Mata Mineira (CTA-ZM) em articulação com o Grupo de Trabalho Nacional de Mulheres da ANA, que, mais tarde, ampliou-se por meio da parceria com a Rede ATER Feminismo e Agroecologia do Nordeste.





A campanha foi um movimento para mobilizar e gerar momentos de reflexão sobre a sobrecarga do trabalho das mulheres, violência e divisão sexual do trabalho. As cadernetas agroecológicas foram um instrumento político-pedagógico usado também pelas mulheres agricultoras, pescadoras, quilombolas e outras trabalhadoras. Seu conteúdo visibilizava seu trabalho produtivo e possibilitava pensar e sistematizar os resultados econômicos monetários e não monetários desenvolvidos por essas mulheres.

Essa é a dinâmica da vida que se organiza para as mulheres de muitas formas e aqui, através dessa economia feminista, se espalha e pulsa em amplos territórios em seu modo de vida.

Que ela nos seja inspiradora.



Agora, vamos realizar uma atividade para que a gente consiga visualizar todo o trabalho que você realiza durante o dia.

Em uma folha em branco, desenhe dois relógios. Em um, coloque toda a sua rotina de trabalho desde a hora de acordar até o momento de ir dormir. No outro, construa a rotina de trabalho de um dos homens da casa.

SIGA OS EXEMPLOS:

RELÓGIO DO HOMEM



RELÓGIO DA MULHER



4. PRINCÍPIOS, VALORES E INICIATIVAS DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA



Democracia: a economia solidária age como uma força de transformação estrutural e de democratização das relações econômicas.

Cooperação: a trabalhadora é convidada a se unir a outra trabalhadora e não mais a vê-la como adversária. As trabalhadoras passam a compartilhar e construir juntas.

Ser humano como centro: a atividade econômica tem como fim a satisfação plena das necessidades de todas. Tem a vida das pessoas e sua sustentabilidade como centro, e não o lucro pelo lucro.

Solidariedade e reciprocidade: valores que passam a determinar a realidade da vida material e social.

Emancipação: a economia solidária emancipa, liberta e gera autonomia em cada uma das envolvidas.

Promoção da dignidade: as trabalhadoras administram e compartilham o trabalho e o lucro de modo a garantir a igualdade de todas as envolvidas no processo, reduzindo as desigualdades.

Autogestão: as trabalhadoras tomam decisões de forma coletiva e participativa, as relações são dialógicas e não estão mais subordinadas a um patrão.

Cuidado com o meio ambiente: busca-se uma relação harmoniosa com a natureza em função da qualidade de vida, da felicidade de todas e do equilíbrio dos ecossistemas, pensando sempre nas gerações futuras.

Valorização da diversidade: reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino e a valorização da diversidade, sem discriminação de crença, cor ou orientação sexual.

Valorização do saber local: valorização da cultura e da tecnologia popular.

Valorização da aprendizagem: formação permanente, que considera todas as etapas de aprendizagem importantes, os estudos, os saberes existentes e as experimentações.

Valorização do trabalho humano: promoção da justiça social na produção, comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico com vistas à promoção da vida digna para todas as pessoas e justa distribuição da riqueza socialmente produzida, eliminando as desigualdades materiais e difundindo a solidariedade.

Diferença entre **ECONOMIA TRADICIONAL** e **ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Economia tradicional:

Produção em escala (relações de produção baseada nas regras do mercado).

Objetivo final – lucro.

Estímulo à competição entre produtores e empreendimentos.

Economia solidária:

Organização do trabalho coletivo na forma de autogestão.

Divisão justa e solidária da renda gerada.

Comercialização pautada no comércio justo e solidário.

Valores de cooperação, solidariedade e reciprocidade.

Estímulo a redes de cooperação para apoiar produção, consumo e comercialização.

Tipos de organização coletiva da economia solidária

Cooperativas, associações populares e grupos informais (de produção, serviços, comercialização e crédito solidário, nas cidades e no campo);

Empresas recuperadas de autogestão (empresas capitalistas falidas que são recuperadas pelos trabalhadores);

Fundos solidários e rotativos de crédito (organizados legalmente sob diversas formas jurídicas e também informais);

Clubes e grupos de trocas solidárias (com ou sem uso de moeda social ou moeda comunitária);

Redes e articulações de comercialização e de cadeias produtivas solidárias;

Lojas de comércio justo;

Agências de turismo solidário, entre outras;

Cooperativas ou associações de catadores (coletores de materiais recicláveis);

Comunidades que usam moeda social em seus clubes de trocas e bancos solidários;

Redes de empreendimentos solidários ou cadeias de produção, articulando vários estágios da produção;

Trabalhadores de fábricas falidas que formam novas empresas solidárias, assumindo os meios de produção em igualdade e gerindo a empresa de forma democrática;

Amigos, vizinhos e colegas de trabalho que se organizam para fazer compras solidárias, beneficiando tanto quem consome como quem produz, Consumidores que Sustentam a Agricultura (CSA).



5. VAMOS CONVERSAR SOBRE

Agora é hora de conversar um pouco sobre as questões que acabamos de nos aproximar com as outras mulheres do seu território/comunidade.

Neste momento, você pode, junto com as outras mulheres na sua comunidade ou no seu território, buscar músicas, poemas e dinâmicas corporais. A proposta agora é compreender melhor os temas que foram abordados até aqui.

Conheça exemplos de atividades que podem ser feitas.

OU ACESSE

O LINK:

**[mulheres.psatsaude.com
.br/vamosconversar/](https://mulheres.psatsaude.com.br/vamosconversar/)**

6. FAZENDO JUNTAS: OFICINA PRÁTICA COM AS BOLEIRAS DE CARUARU-PE

Aqui vamos exercitar os conteúdos que aprendemos durante os estudos e nos debates. É a hora da oficina prática. Vamos botar a mão na massa?

Assista ao vídeo das Boleiras de Caruaru e conheça como elas se organizam.



BOLO DE MILHO

INGREDIENTES



4 espigas de milho verde (não muito verde)

4 ovos

1 xícara de chá de açúcar

1/2 xícara de chá de óleo

1 xícara de chá de flocos de milho ou fubá

1/2 xícara de chá de leite de vaca ou leite de coco

(120 ml)

1 colher de sopa de fermento em pó

MODO DE PREPARO

No liquidificador, coloque o milho e bata por 1 minuto.

Em seguida, adicione os ovos, o açúcar, o óleo e o leite.

Bata por mais 1 minutinho.

Acrescente os flocos de milho ou fubá e bata mais um pouco para misturar.

Por último, adicione o fermento em pó e bata rapidamente apenas para misturar.

Despeje essa mistura numa forma untada e enfarinhada.

Leve para assar em forno pré aquecido a 200°C, por cerca 40 minutos ou até dourar.





BOLO DE MACAXEIRA, MANDIOCA OU AIPIM (DEPENDENTE DO LOCAL EM QUE VOCÊ ESTIVER)



INGREDIENTES

1 kg de massa de macaxeira ralada e espremida (aproximadamente 2 kg de macaxeira in natura);
400 g de manteiga;
650 g de açúcar cristal;
4 ovos grandes;
300g de leite em pó;
Mais a goma coletada (água da macaxeira).



MODO DE PREPARO

Faça o creme para encorpar a massa com ovos, manteiga e açúcar; bata até virar um creme.

Depois, coloque a massa espremida da macaxeira, com a mão mesmo, sem os pedaços maiores.

Na sequência, coloque 200 g de leite em pó e, depois, 100 g de leite em pó diluído em 200 ml de água.

Unte a forma e coloque a massa que vai para o forno.



7. CONTANDO O PROCESSO

**COM NOSSAS PALAVRAS,
NOSSOS DESENHOS, NOSSAS
CANÇÕES, NOSSOS POEMAS**



Estimada educanda,



Chegamos juntas ao fim deste Ciclo 2. Nele, tivemos a possibilidade de nos aproximar de vários conteúdos. Conhecemos melhor o que significa a economia solidária, a economia feminista e, a partir das experiências locais, podemos organizar processos coletivos de geração de renda, de cuidados entre nós e também repensar qual o lugar que queremos ocupar na sociedade, em nossas comunidades e em nossos lares.

Sabemos que temos muito caminho pela frente e a trilha nem sempre é fácil. Sozinha, é ainda mais difícil. Por isso, reforçamos o convite para seguirmos juntas. Lembrando que o nosso próximo tema, do Ciclo 3, será: Promoção e Vigilância da Saúde e Alimentação Saudável.



Saudações e até logo,
Coordenação Político-Pedagógica do Curso
de Formação de Saúde para as Mulheres



8. REFERÊNCIAS

BASSANESI, Inez Eunice. Estilos de Vida das Pequenas Produtoras Rurais: As mulheres do roçado e do Sítio. João Pessoa: UFPB, 1994. (Mimeo.)

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.). A produção do viver: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Caderno-A-produ%C3%A7%C3%A3o-do-viver1.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

NOBRE, Miriam. Diálogos entre Economia Solidária e Economia Feminista. A Sustentabilidade da Vida Humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.). A produção do viver: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003. Disponível em : <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Caderno-A-produ%C3%A7%C3%A3o-do-viver1.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

KERGOAT, Daniele. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In Marli Emilio et al. (Orgs.). Trabalho e cidadania para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

9. GLOSSÁRIO

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA):

articulação entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira comprometida com experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural.

Entre as suas principais temáticas de atuação estão a construção do conhecimento agroecológico, a conservação e o uso sustentável da biodiversidade, a questão do protagonismo das mulheres, a soberania e segurança alimentar, a reforma agrária e os direitos territoriais de povos e comunidades tradicionais, o acesso e a gestão das águas, a agricultura urbana e periurbana, a questão dos agrotóxicos e dos transgênicos.

Para saber mais, acesse: <https://agroecologia.org.br/>

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO:

é a competência de tarefas diferentes ou responsabilidades diferentes a homens ou mulheres pelo único motivo de seu sexo biológico.

Essa separação discrimina trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, sendo que a importância indica ser maior o valor do trabalho dos homens.

Para saber mais, acesse: HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmndsBWQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO:

relacionada à maneira pela qual as tarefas são organizadas e divididas no ambiente de trabalho, com a intenção de delimitar as funções realizadas nesse ambiente, impulsionando o processo de elaboração como um todo e garantindo que o sistema de produção funcione de forma rápida e eficiente.

Quando uma trabalhadora ou trabalhador especializa-se numa determinada função, dentro da estrutura capitalista de produção, transforma-se em especialista em uma parte da produção: a parte na qual ele trabalha, sem, muitas vezes, conhecer o processo de produção por completo.

Para saber mais:

<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/divsoctra.html>

ECOSSISTEMA:

o conjunto de elementos vivos, sejam eles animais, vegetais ou organismos microscópicos, que habitam num local de forma equilibrada e harmônica. Exemplos: Floresta Amazônica, jardim, lago, mangues.

SISTEMA PATRIARCAL:

sistema social e cultural de dominação e subordinação em que homens mantêm o poder principal. No caso do Brasil, é um dos pilares da desigualdade social.

Nele, os homens exercem funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social, controle das propriedades, domínio da família, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças e elas lhe devem obediência.

Importante deixar claro que isso nem sempre se revela abertamente. Como, por exemplo, quando as mulheres recebem menos em uma mesma função em uma empresa. Um outro exemplo é no Congresso Nacional, onde as deputadas são apenas 10% dos(as) parlamentares, mesmo sendo elas a maior parte da população brasileira.





ISBN: 978-65-88309-07-0

BR



9 786588 309070



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Brasília



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO